



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 18, nº. 1, janeiro-junho, 2021, p.115-125
DOI: 10.23925/1809-8428.2021v18i1p115-125

A INTERPRETAÇÃO NEOPRAGMATISTA DE RICHARD RORTY SOBRE O PENSAMENTO POLÍTICO DE MICHEL FOUCAULT: UM IRONISTA LIBERAL INCONCLUSO

Heraldo Aparecido Silva

Coordenador do Núcleo de Estudos em Filosofia da Educação e Pragmatismo da Universidade Federal do Piauí
heraldokf@yahoo.com.br

Bruno Araújo Alencar

Mestrando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Piauí
araujo_331@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo evidenciar a compreensão que Richard Rorty (1931-2007), tem do pensamento político Michel Foucault (1926-1984). Inicialmente, apresentaremos o incessante desejo por autocriação que o neopragmatista observa no filósofo francês, um que seria uma forma de se constituir livremente em contraponto às práticas normativas do poder ao longo dos tempos, o que para Rorty, é plausível, mas aponta que Foucault parece esquecer dos desejos por uma comunidade mais solidária, o caracterizando como adepto à *cultural Left* (Esquerda cultural), em face aos desejos privados, o que seria cruel, e que o filósofo norte-americano não concorda. Rorty mostra que Foucault só tenciona a figura do *ironista*, aquele que almeja a perfeição privada e tem como a coisa mais importante que os sujeitos podem fazer, contudo, esquece os desejos do *liberal*, um que diz que a solidariedade humana é algo que deve ser privilegiado para evitar a crueldade, e nesse caso, na conduta política. Nosso trabalho conta com o aporte teórico de Rorty (1998; 2000; 2005; 2007), Foucault (2010; 2014; 2017), Kumar (2005), Malecki (2011), dentre outros. Nosso estudo indica que a visão política que Rorty tem de Foucault é antagônica, já que observa contribuições e distorções, mostrando como o *biopoder* foi importante para que os sujeitos observassem no passado e presente como são frutos de eixos normativos em meio à política, porém, acaba não mostrando como poderíamos nos livrar dessa crueldade em um futuro, alcançando os desejos de uma comunidade mais humana, idealizando os desejos do *ironista liberal*.

Palavras-chave: Rorty. Foucault. Política. Ironista. Liberal.

RICHARD RORTY'S NEOPRAGMATIST INTERPRETATION OF MICHEL FOUCAULT POLITICAL THOUGHT: AN UNFINISHED LIBERAL IRONIST

Abstract: This work aims to highlight the understanding that Richard Rorty (1931-2007) has of Michel Foucault political thought (1926-1984). Initially, we will present the incessant desire for self-creation that the neopragmatist observes in the French philosopher, one that would be a way of freely constituting himself in opposition to the normative practices of power over time, which for Rorty, is

plausible, but points out that Foucault seems forgetting the desires for a more supportive community, characterizing him as an adherent to the cultural Left, in the face of private desires, which would be cruel, and which the American philosopher does not agree with. Rorty shows that Foucault only intends the figure of the ironist, the one who aims for private perfection and has as the most important thing that the subjects can do, however, he forgets the liberal desires, one who says that human solidarity is something that should be privileged to avoid cruelty, and in this case, in political conduct. Our work has the theoretical support of Rorty (1998; 2000; 2005; 2007), Foucault (2010; 2014; 2017), Kumar (2005), Malecki (2011), among others. Our study indicates that Rorty political view of Foucault is antagonistic, as he observes contributions and distortions, showing how biopower was important for the subjects to observe in the past and present how they are fruits of normative axes in the midst of politics, however, it ends up not showing how we could get rid of this cruelty in the future, reaching the wishes of a more humane community, idealizing the wishes of the liberal ironist.

Keywords: Rorty. Foucault. Policy. Ironist. Liberal.

* * *

Introdução

Esse trabalho, tem por objetivo realizar uma análise da imagem que o filósofo neopragmatista Richard Rorty tem, acerca do pensamento político de Michel Foucault, mais especificamente sobre o que Rorty chama de *cultural Left* (Esquerda cultural) e os desejos por uma autocriação inadequada para os propósitos de solidariedade entre os sujeitos. Na visão de Rorty, Foucault apenas elenca a figura do *ironista*, um sujeito que está em busca apenas de sua perfeição privada, sem no entanto, se preocupar com os desejos de uma comunidade menos cruel, o que para o filósofo norte-americano, seria inadequado. Assim, a falha foucaultiana, para o neopragmatista, parte do esquecimento dos desejos de autocriação aliado à justiça *liberal*, isto é, da preocupação com todos os membros de uma cultura, idealizado por Rorty por meio da figura do *ironista liberal*.

Nesse sentido, partiremos de uma analítica histórica, vista por Rorty sobre a questão de Foucault valorizar tanto suas pesquisas entre o *saber-poder*, à qual se dedicara tanto tempo para realizar investigações, vista pelo neopragmatista apenas como um estudo incessante por fatos que ocorreram no passado e vem acontecendo no presente, mas que aparentemente, o filósofo francês parece esquecer, de como propor sugestões, para evitar que *dispositivos de controle* poderiam ser evitados, para a consecução de um futuro melhor e menos cruel.

Na primeira seção, apontaremos toda essa presunção *saber-poder* que Richard Rorty tem de Michel Foucault. Inicialmente, será perceptível que Foucault, para Rorty, parece dar continuidade à uma prática de filosofia representacionista, investigando questões relacionadas à uma filosofia que tem uma certa herança epistemológica. Nesse sentido, o que o neopragmatista questiona, é que além de Foucault realizar essa guinada histórica, parece distante do ideal de uma sociedade mais solidária, e, essa consecução atribuída por vocabulários universais, não propõe, em nenhum momento, a aquisição de novos vocabulários alternativos que vislumbrem o respeito entre os sujeitos, membros de uma cultura específica, apenas mostra, como o *biopoder* se perpetuou e continua sendo disseminado dentro das sociedades. Essa crença, observada em Foucault, não permite, segundo o filósofo norte-americano, a construção de uma *rede de crenças e desejos*, ideias para

acreditar, o que seria realmente útil para a política enquanto geradora de um discurso edificante entre os sujeitos.

Na segunda seção, iremos apresentar como essa observação de Rorty, apresentará uma falha foucaultiana. A princípio, o neopragmatista apenas aponta que Foucault tem veemência em criar um sujeito que se contraponha aos ideais de uma sociedade disciplinar, o *ironista*, aquele que tem a crença de por um desejo de autocriação em contrapartida a esse eixo normativo, e acaba julgando todas as comunidades liberais, como ruins. Rorty se contrapõe ao pensamento de Michel Foucault, afirmando que nem todas as sociedades burguesas são assim, já que, algumas adotam vocabulários alternativos que englobam a todos os sujeitos de maneira edificante, o que o filósofo norte-americano acaba chamando de *liberal*, isto é, quem afirma que a crueldade é a pior coisa que podemos fazer.

Nessa perspectiva, alinhando o ideal do filósofo francês com a pretensão de uma comunidade solidária, Rorty apresenta a figura do *ironista liberal*, aquele em quem deposita a esperança para o que sofrimento entre os sujeitos diminua e que a crueldade de pensar apenas na sua autocriação seja colocada de lado. Por fim, esse trabalho segue à risca uma análise do pensamento do filósofo neopragmatista acerca do pensamento político do filósofo francês, observando discordâncias e assentimentos.

A imagem de Rorty sobre o pensamento político de Foucault

Nesta seção, iremos abordar um pouco da compreensão que o filósofo neopragmatista Richard Rorty tem do pensamento político de Michel Foucault, mais especificamente nos dois primeiros domínios, *Arqueologia do Saber* e *Genealogia do Poder*, pois, ambos remetem a contações discursivas que objetam, pressupostos para os *dispositivos de controle*, aos quais, o filósofo francês sugere que causam falsas explicações para que o *poder* possa ser difundido no meio dos sujeitos, em se tratando de uma análise política e governamental. Dessa maneira, será perceptível observar algumas inflexões acerca do pensamento político de Michel Foucault, à qual Rorty chama de *cultural Left*, (KUMAR, 2005), que para o filósofo americano é inadequada aos propósitos humanos, contingências e solidários em uma sociedade, e, que necessitaria ser redescrito.

Nesse sentido, para que Rorty percebesse essa falha filosófica foucaultiana, parte de uma premissa em que existiria um paradoxo social para afirmar que uma cultura é mais avançada do que outra (KUMAR, 2005), propagando um falso idealismo, trazendo à tona o que não seria relevante para o desejo da solidariedade, perceptível em *Thurty and Progress* (Verdade e Progresso) de 1998, que na visão de Rorty (2005, p. 228): “Dizer que uma cultura é mais “avançada” que outra é dizer que ela se aproxima mais da concretização do “essencialmente humano” do que outra cultura [...]”, ou seja, uma questão filosófica representacionista da realidade. Para Rorty, todas as culturas têm uma espécie de valor inspirador, como se fosse uma obra literária, e, Foucault, para Rorty, parece esquecer isso em seus escritos, quando tentar a todo o instante tirar o véu que torna o presente obscuro, mas que parece se esquecer do futuro (RORTY, 1998).

Dessa maneira, ainda em referência ao contexto histórico e cultural permeado pela ideologia social, Kumar (2005) diz que Rorty diverge do pensamento de Foucault no que concerne ao âmbito da busca por uma comunidade mais tolerante.

No contexto foucaultiano, existe uma afirmação incessante em dizer que a rotulação dos sujeitos nas sociedades acontece por algumas outras instituições, que não somente às econômicas, mas também pelas psiquiátricas, por exemplo, que subsidiam uma certa forma de doutrinação mental dos sujeitos tidos como anormais, que fazem parte da sociedade (KUMAR, 2005).

Desse modo, Rorty acaba se contrapondo exatamente com o que Foucault se refere, no que diz respeito ao aparente esquecimento em apenas desvendar todo o ideal político que está no contexto do presente e que outrora fora temática de suas pesquisas no seu percurso arqueo-genealógico (BIROLI, 2008), mas que parece esquecer os desejos humanos, para constituir uma cultura mais solidária e menos cruel, tema de uma inquietação filosófica vista por Rorty em *Contingency, irony and solidarity* (Contingência, ironia e solidariedade) de 1989 (RORTY, 2007).

Foucault, no entanto, compartilha com Marx e Nietzsche a convicção de fomos longe demais para que a reforma funcione – de que há necessidade de uma convulsão, de que nossa imaginação e nossa vontade estão tão limitadas pela socialização que recebemos, que somos incapazes sequer de provar uma alternativa à sociedade que temos agora (RORTY, 2007, p. 120-121).

Essa análise rortyana retoma a visão metafórica que Foucault utiliza para descrever em *Surveiller et punir* (Vigiar e punir), um sistema de vigilância de um panoptismo onde estamos sujeitados a uma forma de observação do alto de uma torre que rege a nossa conduta, sem que ao menos possamos entender ou questionar e saber de onde vem tal ordem que molda a conduta social. Rorty enfatiza essa ideia de dominância observada por Foucault nos seguintes termos:

Como Foucault, Nandy vê a cultura criada no Ocidente pela ciência moderna como diferente das “culturas tradicionais” pelo fato de “a ciência moderna já ter construído uma estrutura de isolamento quase total, em que os próprios seres humanos, com toda a sua experiência moral e com todo o seu sofrimento, foram transformados em objetos, em coisas e processos a serem vivissecionados, manipulados ou corrigidos” (RORTY, 2005, p. 240).

Segundo essa perspectiva de verdade, a crítica vem de uma observação à prática representacionista, ou seja, a partir de uma análise rigorosa de uma constituição ideológica e social ao longo dos tempos e permanentemente permeada pelo poder, mas que Foucault (2014) parece esquecer; enquanto que, para Rorty (2007), poderíamos nos livrar dela, propondo vocabulários alternativos. Assim, diante da certeza indubitável, o pensamento redescritivo emerge e com ele surge uma nova concepção de verdade, dentro da perspectiva do pensamento de Rorty.

Por meio de uma desconstrução epistemológica do representacionismo, analisada pelo neopragmatista em *Philosophy and the Mirror of Nature* (Filosofia e o espelho da natureza), e que foi alcançado somente por intermédio de uma análise linguística, Rorty (1994) concebe a realidade como uma forma do que mundo pode oferecer ao sujeito por meio de unidades de significado em termos de propósitos

úteis à realidade e o que o sujeito pensa do mundo em seu particular (CALDER, 2006).

A partir daí, tem-se o pressuposto para uma deflação da verdade, isto é, uma reação contra a ideia natural e abstrata da realidade, obviamente em sentido de ir contra a verdade universal, que fora tomada desde à tradição filosófica (KUMAR, 2005). Assim, saindo da ideia de verdade preconcebida, a linguagem emergirá por meio das relações de hábito, através de vocabulários universais ou alternativos em que o mundo pode oferecer ao sujeito cognoscente, ideologicamente instituídos ou não, tendo como arcabouço um hábito de ação.

O hábito é bom ou não, conforme produz conclusões verdadeiras de premissas verdadeiras [...] O hábito particular de espírito que governa esta ou aquela inferência pode ser formulado em uma proposição cuja verdade depende da validade do inferências que o hábito determina [...] (PEIRCE, 2019, p. 3).

Ao fazer essa distinção entre a verdade preconcebida e a que o mundo nos faz perceber como hábito bom ou ruim, por meio do texto de Peirce *The Fixation of Belief* (A fixação da crença) de 1877, é possível adentrar a um contexto em que Kumar (2005) levanta hipóteses sobre o que seria a “falsa consciência” para Foucault, afirmando que é estabelecida e vinculada ao poder. Diante dessa observação, é perceptível que Rorty, assim com seu antecessor, William James, acredita que não há nada a dizer sobre a verdade, exceto que cada um de nós aprovará como verdade, as crenças que consideramos boas em acreditar, analisada por Rorty em *Objectivity, Relativism and Truth* (Objetivismo, Relativismo e Verdade) de 1995, Rorty (1997).

[...] Foucault acreditava que ideias, teorias, visões de mundo, códigos morais e modos de pensar e 'problematizar' em geral, são historicamente condicionados e não têm significado a partir de um histórico de práticas sociais, tradições, costumes, instituições, todas permeadas por relações de controle, dominação, poder e resistência - um pano de fundo de "práticas materiais", por assim dizer. (KUMAR, 2005, p. 42, tradução nossa)

O idealismo histórico de Foucault (2014) concorda que existe uma prática mantenedora de uma certa conduta social dotada de contornos normativos necessários para perpetuar as formas de dominância, que por sua vez são estabelecidas entre um processo intelectual mais básico, e, o do poder das instituições em seu sentido *lato*, vista em *Microphysique du pouvoir* (Microfísica do poder) de 1978 (FOUCAULT, 2017). Nessa perspectiva, em contrapartida, Rorty (2005, p. 232), afirma que: “[...] ficamos mais receptivos à ideia de que boas ideias podem vir de qualquer lugar, de que elas não são prerrogativa de uma elite nem estão associadas a nenhum *locus* de autoridade.”. Assim, para Rorty, todos nós temos prerrogativas de nos constituirmos, caso contrário, não estaríamos valorizando todas as culturas.

Se pudéssemos abandonar a busca dessa pseudociência e parar de usar a “História” como o nome do grande objeto indistinto que deve ser explicado por teorias amplas, poderíamos ler Bentham, Marx, Veblen e, hoje, Foucault, como pessoas que nos ajudaram a compreender como nos enganamos no passado, e não como pessoas que nos dizem a coisa certa a ser feita no futuro. (RORTY, 2005, p. 300-301).

Partindo de uma ótica anti-representacionista, e da deflação da verdade (CALDER, 2006), Rorty enfatiza que a realidade deve ser pensada de acordo com as necessidades humanas, enveredando para ambientes cujos vocabulários seriam postos em “jogos de linguagem” aos quais seria possível interpretar e descrever (KUMAR, 2005). Assim, o filósofo norte-americano sustenta que: “Precisamos de uma redescritção do liberalismo como esperança de que a cultura como um todo possa ser “poetizada”, e não como a esperança iluminista de que ela possa ser “racionalizada” ou “cientificizada”.” (RORTY, 2007, p. 103).

A análise do idealismo de Foucault, para Rorty (2007), parte de uma observação histórica, contexto esse que é subsidiado por práticas mantenedoras do poder. O filósofo norte-americano, parte de uma metáfora, uma em que a linguagem age de maneira a subsidiar vocabulários alternativos para o desenvolvimento de crenças que possam abrir caminhos para uma verdade contingencial e também para que o sujeito possa ver o mundo como realmente é, livre de pensamentos ideológicos, como se espelhassem apenas as contingências históricas (RORTY, 1994).

Essa visão do espelho da realidade parece repousar na ideia de que podemos transcender as vicissitudes da linguagem para poder viver, finalmente livres de nossa enculturação historicamente específica, que crenças, sentenças ou proposições correspondem ao que o mundo é realmente em si mesmo, como seria de qualquer maneira, além dos nossos modos de descrição e categorização. Essa idéia de espelhar a essência sem palavras das coisas é exatamente o que os pragmáticos sugerem que podemos pensar (KUMAR, 2005, p. 51, *tradução nossa*).

Desse modo, com a aquisição de novos vocabulários alternativos, seria possível observar como a verdade, a ideologia, e a política seriam livres de vicissitudes do poder em que Foucault observou para o presente e que Rorty redescrive em um contexto que possibilitaria um futuro melhor e mais útil, mais humano e solidário, observando como fomos vítimas das noções representacionistas da realidade e de como é necessário nos libertar dessas noções urgentemente. Através dessa observação, refletiremos a partir de agora, em nova discussão, como poderemos perceber esse modelo ideológico e nos libertar desse dogma, sendo sujeitos preocupados tanto com os projetos autocrionistas quanto comunitários.

O desejo de Rorty em relação à filosofia de Foucault: o ironista liberal

Nessa seção, iremos discutir a intenção pretendida por Rorty acerca do que seria o desejo por autocriação, alinhado com o de uma comunidade mais solidária e útil aos propósitos contingenciais humanos, sendo essa, uma cisão que pretendia para Foucault. O neopragmatista cria a figura do *ironista liberal*, isto é, aquele que detém de uma característica que possibilita a ascensão tanto dos ideais privados, isto é, quanto dos públicos, figurando sujeitos dentro de uma cultura que compreendesse que todas as comunidades devem ser respeitadas, dentro das suas especificidades para o convívio social em um dado contexto histórico (RORTY, 2007).

Tomo minha definição de “liberal” de Judith Shklar, para quem liberais são pessoas que consideram a crueldade a pior coisa que fazemos. Uso “ironista” para designar o tipo de pessoa que enfrenta a contingência de suas convicções e seus desejos mais centrais [...] Os ironistas liberais são pessoas que incluem entre esses desejos, impossíveis de fundamentar, sua própria esperança de que o sofrimento diminua, de que a humilhação dos seres humanos por outros seres humanos possa cessar (RORTY, 2007, p. 18).

Rorty, propõe que a verdade atual, seja do ponto de vista só do *ironista*, ou seja somente do *liberal*, não pode servir de alicerce para uma comunidade futura, por isso, é necessário ser coerente com o que se busca dela, do ponto de vista do *ironista liberal*, afim de que não se torne ideológica e sem significado, mas sim para buscar propósitos úteis e solidários para qualquer cultura “[...] pessoas que combinariam o compromisso [com os valores liberais, como a liberdade, a solidariedade e a evitação da crueldade] com um sentido da contingência de seu próprio compromisso [...]” (CALDER, 2006, p. 51). Daí a importância da compreensão da figura do *ironista liberal* para melhorar a contingência histórica com a qual nos deparamos.

Foucault, na visão de Rorty, é um ironista que só idealiza a sua própria existência, sem no entanto se preocupar com o outro, “[...] da tentativa de Foucault ser um ironista sem ser liberal.” Rorty (2007, p.123). Esses anseios e desejos de comunidades, perpassam por condições de adoção de novos vocabulários que possibilitem a consecução de verdades necessárias às contingências atuais, se não fizermos isso, correremos um sério risco de voltar aos problemas do representacionismo, sem nos preocuparmos com os problemas da sociedade em que vivemos e conseqüentemente sem tomarmos a noção do que seria a verdade.

[...] se não levamos a sério o ponto de vista de Rorty sobre a preocupação com a verdade ser nada mais, na prática, do que a preocupação com a justificação, corremos o risco de retornar ao representacionismo com todos os seus problemas. (KUMAR, 2005, p. 58, tradução nossa)

Essa maneira de vislumbrar uma humanidade solidária tende a gerar um certo grau de equidade e garantir que todos exerçam seus direitos e prerrogativas legais,

na visão de Rorty (2007, p. 125) ao corroborar com o pensamento de Foucault, quando este afirma que: “[...] Foucault temia – a possibilidade de as “culturas especializadas” exercerem o “biopoder”.”. Isto é, o poder sobre a vida dos seres humanos, que podem ser frutos de uma manobra ideológica, e para isso não seja possível, devem ter anseio em atingir a proposta de da figura do *ironista liberal*, ensejando uma filosofia edificante, “[...] o discurso edificante é suposto ser anormal, tira-nos para fora de nossos velhos eus pelo poder da estranheza, pra ajudar-nos a nos tornarmos novos seres.” (RORTY, 1994, p.354).

Para evidenciar essa discussão acerca do *ironista liberal* e do discurso edificante, tornar-se-á necessário compreender o neopragmatismo rortiano, bem como as ferramentas coercitivas de poder (FOUCAULT, 2014), a qual Foucault compreende como dispositivos que impedem a proposta do sujeito ter um cuidado de si (*epiméleia heautoû*) (FOUCAULT, 2010), que no contexto rortiano é chamado de desejos de autocriação que criam a figura do *ironista* (RORTY, 2007).

A propagação de novos vocabulários, oportunizará novas maneiras de entendimento da verdade, como sendo algo promissor, dentro de humanidades específicas, não somente em sentido universal e estrito, o que geraria uma falsa consciência (KUMAR, 2005). A consequência disso, de uma falsa atribuição investigativa para instituir vocabulários para fins políticos de uma verdade não humana e inútil, poderia, certamente, criar ilusões dentro de uma respectiva sociedade, e, Rorty vê em Foucault essa proposta de instabilidade social: “[...] (por exemplo Adorno e Foucault) que parecem voltar as costas às esperanças sociais de sociedades liberais” (RORTY, 2007, p. 148). Desse modo, o neopragmatista atenta aos desejos de Foucault em ser um ironista que não observa os desejos de uma comunidade liberal que ensejasse a cultura como ponto fulcral, que Rorty acaba percebendo que é o que Foucault entende como poder.

Para Foucault, um dos efeitos dos "regimes de poder / conhecimento", na medida em que esses regimes criam ou perpetuam formas de dominação, é minar a liberdade ou autonomia das pessoas, despolitizando-as ou politizando-as de maneira a apoiar e não desafiar as existentes ou desenvolver estruturas de poder [...]. (KUMAR, 2005, p. 66, *tradução nossa*)

Rorty, acaba percebendo em Foucault esse desejo por mais autonomia, em prol de não aceitação de sujeições, mas considera isso inadequado para os propósitos humanos, “Teóricos ironistas como Hegel, Nietzsche, Derrida e Foucault me parecem de valor inestimável em nossa tentativa de formar uma autoimagem privada, mas praticamente inúteis em matéria política.” (RORTY, 2007, p. 149). A evidência, para Rorty, de que o pensamento de Foucault requer um olhar fascinante para o sujeito em si mesmo, não o torna apto a refletir essa imagem em outras pessoas, tendo em vista que tenciona seus desejos privados a si mesmo, mas sem aparentemente se preocupar com os outros, contrários ao desejo do liberal.

O que o direito descreve como civilizar os jovens, a esquerda descreve como aliená-los de seus verdadeiros eus. Na tradição de Rousseau, Marx, Nietzsche e Foucault, as figuras da sociedade esquerda estão como privando os jovens de sua liberdade e de sua

essência de humanidade para que funcionem como engrenagens sem atrito em uma vasta máquina socioeconômica desumana. Então, para a esquerda, a função apropriada da educação é fazer com que os jovens percebam que não devem consentir a esse processo alienante de socialização. Na esquerda invertida versão de Platão, se você cuida da liberdade - especialmente políticas e liberdade econômica - a verdade cuidará de si mesma pois a verdade é o que será acreditado uma vez que as forças alienantes e repressivas da sociedade estão removidas. (RORTY, 2000, p. 114-115, *tradução nossa*).

É obviamente equivocada, essa pretensão de Foucault em preocupar-se apenas com os desejos de uma comunidade política do ponto de vista da *cultural Left*, na visão de Rorty, o que o torna contrário ao desejo de solidariedade do *liberal*. Segundo Malecki (2011), essas desvantagens seriam o ponto fraco do pensamento político de Foucault para Rorty, que lança em questão a análise de alguns momentos que apontam a rejeição do francês às democracias burguesas. Rorty, aponta ainda que, em nem todo caso, essas democracias seriam opressivas. O construtivismo social, visto por Rorty à luz do liberalismo, proporciona um certo tipo de poder que gostamos e um outro ao qual não apreciamos. O que o deixa indignado é o porquê de Foucault não gostar das democracias liberais, principalmente a americana.

A hostilidade da esquerda é parcialmente explicada pelo fato de a maioria das pessoas que admiram Nietzsche, Heidegger e Derrida tanto quanto eu a maioria das pessoas que se classificam como 'pós-modernistas' (ou nós) encontramos-nos assim classificados à vontade – compartilho do que Jonathan Yardley chamou de 'America Suga sorteios'. Os participantes deste evento competem para encontrar maneiras melhores e mais amargas de descrever os Estados Unidos. Eles vêem o nosso país como corporificação tudo o que há de errado com o rico oeste pós-iluminação. Eles veem como o que **Foucault** chamou de "**sociedade disciplinar**", dominada por um *ethos* odioso do "**individualismo liberal**", um *ethos* que produz racismo, sexismo, consumismo e presidentes republicanos. (RORTY, 2000, p. 4, *tradução nossa, grifo nosso*).

O fato de as instituições sociais exercerem um poder de coerção, seria motivo óbvio para considerá-las perigosas para a contingência moderna, na interpretação de Foucault, segundo Rorty. Essa condição radical, na visão do americano seria aceitável, mas não louvável, pois para ele, o francês excessivamente denominava tudo de poder como sendo aquilo que molda os indivíduos, o que para Dewey era simplesmente chamado de cultura (MALECKI, 2011).

Quando solicitado um esboço utópico do futuro de nosso país, os novos esquerdistas respondem ao longo das linhas de um dos comentários mais fatuosos de Foucault. Quando perguntado por que ele se nunca esboçou uma utopia, Foucault disse: 'Acho que

imaginar outra sistema é ampliar nossa participação no sistema atual.”, (RORTY, 2000, p. 129, *tradução nossa*)

Esse sistema atual, é enraizado por narrativas que compõem exaustivamente o discurso de poder, afetando diretamente o que para Rorty (2007) seria um modo alternativo de viver em determinado centro cultural, ao invés de trazer uma rede de crenças e desejos forte, ou seja, aquilo em que se é bom para acreditar.

Em meio a essa discussão, Rorty na visão de Malecki (2011), vê como Foucault se dedicou a ajudar os oprimidos, fazendo-os perceber como são vítimas dos assujeitamentos do poder, no entanto, ainda percebe a necessidade de aliar sua filosofia à uma política prática e não a dispensar, evitando assim a anarquia à qual Foucault pretendia. Seria necessário que a filosofia fosse posta ao lado da edificação, ressaltando a importância da solidariedade, que seria pautada, necessariamente, por intermédio das instituições sociais que propiciassem o pleno desenvolvimento dos sujeitos, logo “[...] o propósito da filosofia edificante [...] é sempre o mesmo [...] desempenha a função social [...]” (RORTY, 1994, p.371).

A leitura de Foucault, representa traços interpretativos de Rorty, objetivando em partes, o desenvolvimento de uma rede crenças e desejos, mas em nível individual, e, por vezes, avesso ao desejo *liberal*. Para Rorty, o ideal somente do ponto de vista do *ironista* é avesso ao desejo de solidariedade humana, o que a tornaria mais justa e edificante.

Considerações finais

Considerando toda essa perspectiva do filósofo norte-americano Richard Rorty, em relação filósofo francês Michel Foucault, percebemos que ao mesmo tempo em que tece comentários favoráveis à interpretação filosófica e política de Foucault, por vezes, também as critica duramente. Isso torna a leitura interessante, e, ao mesmo tempo, provoca em quem adentra nesse percurso, um sentimento de espanto quanto a questões políticas, do ponto de vista autocrionista e liberal.

É evidente que, é uma tática de Rorty exaltar aspectos importantes de vários filósofos, que, para ele, foram de suma importância para a filosofia enquanto meio para alcançar propósitos úteis e contingenciais para a humanidade. Todavia, quando esses aspectos desviam de um pressuposto solidário e humano, as críticas são certas, por estarem de acordo com uma forma representacionista da tradição filosófica, o que para Rorty seria cruel.

No caso das leituras foucaultianas, Rorty tem uma visão dual, quanto à sua maneira de trazer elementos importantes para a filosofia, como o *biopoder*, que para ele seria edificante para os desejos do *ironista*, que se constituiria em contrapartida a esse eixo normativo que a tradição filosófica trouxe juntamente com o representacionismo, mas contrários para o *liberal*, o que evitaria, a crueldade entre os sujeitos, já que nem todas as sociedades burguesas são ruins, para o filósofo norte-americano. Rorty percebe uma visão romântica em Foucault e ao mesmo tempo egocêntrica, pois não vê a propensão do filósofo francês, em ascender para o campo da solidariedade humana, uma vez que adota uma postura autocrionista preocupado apenas consigo mesmo, o que para Rorty não é ideal.

É perceptível, na visão de Rorty, que Foucault não está preocupado com o desejo de se tornar um *liberal*, isto é, aquele que deseja a solidariedade entre as seres humanos, apresenta-o dando mais importância aos desejos privados (*ironista*) do que os do *liberal*, e, como já abordamos, o ideal para o filósofo norte-americano seria a figura do *ironista liberal*.

* * *

Referências:

- BIROLI, Flávia. História, discurso e poder em Michel Foucault. **Figuras de Foucault**. Org's: Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CALDER, Gideon. **Rorty e a redescoberta**. Trad. Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: UNESP, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no *Collège de France* (1981-1982). Trad. Márcio A. Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhe. ed. 42. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- KUMAR, Chandra. Foucault and Rorty on Truth and Ideology: A Pragmatist View from the Left. **Contemporary Pragmatism**. v.2, n.1, jun, p. 5–93, 2005.
- MALECKI, Wojciech. "If happiness is not the aim politics, then what is?": Rorty versus Foucault. **Foucault Studies**, n. 11, p. 106-125, February 2011.
- RORTY, Richard. **A Filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- RORTY, Richard **Objetivismo, relativismo e verdade**: escritos filosóficos 1. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- RORTY, Richard. The inspirational value of great Works of literature. **Achieving our country**: Lefistist thought in twentieth-century America. London: Havard University Press Cambridge, 1998. p. 125-140.
- RORTY, Richard. **Philosophy and Social Hope**. London: Penguin, 2000.
- RORTY, Richard. **Verdade e progresso**. Trad. Denise R. Sales. Barueri: Manole, 2005.
- RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PEIRCE, Charles Sanders. **The Fixation of Belief**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.pdf>> Acesso em: 23 out. 2019.